

## **INDIFERENÇA E ESTEREÓTIPO EM CONTEÚDOS MIDIÁTICOS: SENTIDOS EM CIRCULAÇÃO SOBRE O POVO MUÇULMANO**

*INDIFFERENCE AND STEREOTYPE IN MEDIA CONTENT: MEANINGS IN USE  
REGARDING MUSLIM PEOPLE*

*INDIFERENCIA Y ESTEREOTIPO EN CONTENIDOS DE LOS MEDIOS: SENTIDOS EN  
CIRCULACIÓN SOBRE EL PUEBLO MUSULMÁN*

Paloma Pereira Ruiz<sup>1</sup>  
Marcelo Pereira da Silva<sup>2</sup>

### **Resumo**

As redes sociais digitais refletem e amplificam conflitualidades, dilemas enfrentados pela sociedade, como a questão do discurso de indiferença religiosa contra praticantes da fé islâmica no Brasil. Neste trabalho abordamos, por meio de análise de conteúdo, produtos do entretenimento — entre eles, *Carcereiros*, o filme (2019) e as telenovelas *O Clone* (2001-2002) e *Salve Jorge* (2012-2013), ambas da Rede Globo — para evidenciar como os estereótipos veiculados nessas produções persistentemente circulam no ecossistema virtual em forma de memes, de modo que reforcem discursos potencialmente catalisadores de explosões de raiva e preconceito contra muçulmanos tanto em contextos on-line quanto off-line.

**Palavras-chave:** redes sociais digitais; indiferença; muçulmanos; análise de conteúdo; estereótipo.

### **Abstract**

Digital social networks reflect and amplify conflicts and dilemmas faced by society, such as religious indifference discourse issue against Islamic faith practitioners in Brazil. In this paper we address, through content analysis, entertainment products — among them, *Carcereiros*, the movie (2019) and the soap operas *O Clone* (2001-2002) and *Salve Jorge* (2012-2013), both from *Rede Globo* — to highlight how the stereotypes conveyed in these productions persistently circulate in the virtual ecosystem in the form of memes so that they reinforce discourses potentially catalyzing anger outbursts and prejudice against Muslims, both in online and offline contexts.

**Keywords:** digital social networks; indifference; Muslims; content analysis; stereotype.

### **Resumen**

Las redes sociales digitales reflejan y amplían conflictos, dilemas enfrentados por la sociedad, como la cuestión del discurso de indiferencia religiosa contra practicantes de la fe islámica en Brasil. En este trabajo tratamos, por medio de análisis de contenido, productos de entretenimiento — entre ellos, *Carcereiros*, la película (2019) y las telenovelas *O Clone* (2001-2002) y *Salve Jorge* (2012-2013), ambas de la Red Globo — para demostrar cómo los estereotipos transmitidos persistentemente en esas producciones circulan en el ecosistema virtual en forma de memes, para reforzar discursos potencialmente catalizadores de explosiones de odio y prejuicio contra los musulmanes, tanto en contextos on-line como off-line.

**Palabras-clave:** redes sociales digitales; indiferencia; musulmanes; análisis de contenido; estereotipo.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: palomap.ruiz@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutor em Comunicação. Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em Relações Públicas e Mestre em Comunicação Midiática pela Unesp de Bauru. Docente permanente do Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte e do curso de Relações Públicas da PUC-Campinas. E-mail: marcelosilva\_rp@hotmail.com

## 1 Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar, por meio da análise de conteúdo, o modo como o discurso das mídias pode fomentar preconceitos e estereótipos sobre o “ser muçulmano” e o Oriente Médio, analisando de que forma conteúdos propagados pelas mídias tradicionais se capilarizam e reverberam nas redes sociais digitais, tornando-se produtores de desinformação e indiferença, inclusive em forma de memes.

Para ilustrar que cenário expomos, selecionaram-se três produções da Rede Globo de Televisão, a saber, *Carcereiros, o filme* (2019), as novelas *O Clone* (2001-2002) e *Salve Jorge* (2012-2013). Em duas produções há personagens muçulmanos cujo comportamento reproduz estereótipos que supostamente compõem o imaginário popular. As ideias de muçulmano como oriundo de uma cultura distante da brasileira e da figura do islâmico como terrorista aparecem tanto na televisão quanto nas redes virtuais por meio de memes.

Debatemos temas como intolerância religiosa, fronteiras, estereótipos e discurso inflamado de raiva por constituírem assuntos que sustentam os pilares teórico-metodológicos deste artigo, problematizando as faces da intolerância ao muçulmano no Brasil contemporâneo.

Segundo informações da Agência Brasil, em 2015, muçulmanos eram segunda maior vítima de intolerância religiosa no estado do Rio de Janeiro. O Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos e Assistência Social afirma que, desde janeiro de 2015, pelo menos uma vez por mês, recebia-se denúncia de agressão contra muçulmanos.

Dada a atual conjuntura, na qual organizações terroristas assumiram o poder no Afeganistão, desmistificar estereótipos e discursos articulados sobre a face muçulmana se torna fundamental, haja vista que certos enquadramentos, sobretudo midiáticos, podem fortalecer a intolerância religiosa, o que reforça a relevância desta pesquisa para os estudos da comunicação.

## 2 Mídia, discurso e estereótipo: contextualizando

Conforme dados da reportagem *Explosão Islâmica*, da revista virtual Super Interessante (2016), a religião islâmica está presente em 41 países e tem mais de 1 bilhão de adeptos no mundo. Apesar de tantos seguidores e de ser tema de telenovela no Brasil — a exemplo de *O Clone* (2001-2002), trama cuja protagonista era muçulmana —, a crença islâmica ainda é pouco

conhecida e frequentemente alvo de estereótipos baseados em produtos midiáticos que resultam em ideias por vezes deturpadoras da realidade.

O estereótipo ocorre justamente quando se aproxima da realidade: a primeira coisa que se faz é definir para, na sequência, se ver. Essa visão é influenciada pelos padrões sociais, levando-nos a enxergar por um “modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem” (LIPPMANN, 1972 apud BACCEGA, 1998, p. 8).

Um caso que ilustra essa incompreensão é um diálogo ocorrido no programa Big Brother Brasil, em 2021, na Rede Globo. Nesta edição, a casa se dividiu em grupos aliados conforme sua identificação — como geralmente ocorre em *reality shows* — e um desses grupos se organizou em torno da questão negra para se aproximar de quem fosse etnicamente semelhante. Em conversa sobre a etnia do participante Gilberto, Karol Conká e Nego Di afirmam que o participante é muçulmano, em vez de negro, como se declarou. A ideia de muçulmano como etnia, em lugar de adepto de uma crença, talvez resulte do tratamento dado as pessoas pelas mídias. Geralmente, os seguidores da religião islâmica são interpretados como imigrantes, pessoas de culturas e nacionalidades diferentes. Portanto, os estereótipos estão carregados de elementos que fazem ver a essa crença como unidade cultural distante da brasileira.

De acordo com Ladeira e Leão (2016), a representação midiática estereotipada do atentado de 11 de setembro relegou muçulmanos ao status de terroristas, logo, inimigos:

[...] em 11 de setembro de 2001, surge um novo inimigo externo dos Estados Unidos (e, consequentemente, da civilização ocidental): o “terrorista islâmico”. A partir de então teve início uma intensa campanha midiática com o objetivo de demonizar o mundo muçulmano. Imagens dos aviões se chocando com as torres gêmeas do WTC e de muçulmanos supostamente celebrando esses ataques foram exaustivamente repetidas em todo o planeta. (LADEIRA; LEÃO, 2016, p. 165).

Para Charaudeau (2019), a significação do 11 de setembro decorre de leituras que a constroem, haja vista a dupla construção do acontecimento enquanto evento midiático: a de uma encenação conduzida pela transmissão através do olhar e da leitura feita pela mídia, e a do leitor-ouvinte-telespectador que a recebe, a interpreta e significa. Isto evidencia o papel ativo da audiência nos processos de atribuição de sentidos oriundos do discurso das mídias, porquanto os sujeitos não são marionetes que recebem passivamente aos conteúdos, como apregoaram algumas teorias da comunicação.

A cobertura jornalística do Jornal Nacional, por exemplo, conduziu o discurso, à época, de modo maniqueísta, criando a imagem do muçulmano como vilão espontâneo por meio de frases como “nos territórios ocupados por Israel, palestinos comemoravam a maior ofensiva

terrorista de todos os tempos” (apud LADEIRA, 2019, p. 30). A imagem do muçulmano é comumente associada ao fanatismo que ultrapassa qualquer limite em prol de Alá. Ladeira e Leão (2016) afirmam que o tratamento dado pela mídia aos muçulmanos, no período do atentado de 11 de setembro, foi recortado por termos pejorativos sobre os seguidores de Alá: “loucos de Alá”, “barbudos” e “fanáticos islâmicos ensandecidos”.

Anos após o atentado, perdura o estereótipo de muçulmano terrorista em produções do entretenimento, o que molda o imaginário popular conforme as informações e o funcionamento dos discursos constituídos pelas mídias, tanto as tradicionais como as digitais.

### 3 Comunicação, informação e redes sociais digitais

No dicionário Michaelis (2021, on-line), o termo *informação* tem sete acepções, uma delas a de “conjunto de conhecimentos acumulados sobre certo tema por meio de pesquisa ou instrução”; a palavra *comunicação*, conforme o Michaelis on-line (2021), significa “ato que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre transmissor e receptor através da linguagem oral, escrita ou gestual, com o suporte de sistemas convencionados de signos e símbolos”.

A comunicação e a informação são complementares e devem ser pensadas em conjunto. Contudo, a comunicação necessita mais cuidado por ser mais complexa, exigir relação com o outro, esbarrando em diferenças culturais, religiosas, linguísticas e filosóficas (WOLTON, 2010). Conforme os meios de comunicação se expandem, graças à rede de conexões criada pela internet, presente em 82,7% dos domicílios do Brasil (IBGE, 2019), os conflitos aumentam (WOLTON, 2010).

A capacidade de as redes sociais on-line transporem fronteiras geográficas e culturais, possibilitando contato com o diferente, fortalece a relação com os semelhantes no *ciberespaço*, definido por Lévy (2000 apud MARQUES; NOBRE, 2021) como espaço de comunicação aberto pela interconexão universal. Contudo, esse contato com o diferente pode causar sentimentos adversos e suscitar problemáticas que as fronteiras trazem. Para Bauman, não existem pessoas completamente iguais, todas diferem, mas certas diferenças incomodam mais e impedem a solidariedade, a empatia e amizade entre os indivíduos (BAUMAN, 2009).

Com a queda das barreiras físicas graças a plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, unindo pessoas de diferentes locais, as redes sociais virtuais se tornaram palco para intolerância e discursos inflamados (MARQUES; NOBRE, 2021). Para além do desprezo, o

ódio é um estado de excitação que produz desejos de vingança e pode ser dirigido a indivíduos, ideologias e religiões (BERNAL, 2017).

O discurso raivoso é comumente pautado em estereótipos preestabelecidos pela cultura. A partir do momento que o ser humano aprende a falar, começa a pensar e se relacionar com o mundo por meio de palavras que podem carregar estereótipos. No processo de comunicação, a cultura exerce papel relevante, haja vista que o estereótipo é reflexo da realidade de determinada sociedade, mas com “desvios” (BACCEGA, 1998). Esse reflexo pode ser exemplificado como um lápis dentro de um copo com água; nesse experimento, o lápis aparentará estar torto mesmo sem ter entortado, “mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano” (BACCEGA, 1998, p. 10).

Um dos formatos pelos quais esses discursos circulam nas redes é através dos memes, um tipo de comunicação que usa linguagem verbal e não verbal para transmitir mensagens com sentidos de humor. Os memes — termo cunhado por Richard Dawkins —, são efeito da cibercultura e das redes on-line (POPOLIN, 2018).

O discurso de raiva geralmente não é encarado seriamente, por ser uma fala e não uma ação (MARTINS; NOBRE, 2021). Todavia, Popolin (2018, p. 272) afirma, com base em Hannah Arendt, que “o mal pode ser praticado pelo ser humano comum, sem reflexão ou responsabilidade sobre seus atos”. O preconceito e a intolerância praticados nas redes virtuais, em formato de memes, também podem ser nocivos para a coabitação.

#### **4 Tolerância intolerante e contemporaneidade**

Para Carson (2013), a palavra tolerância ocupa lugar de destaque na cultura ocidental, pois considerada uma “estrutura de plausibilidade”. O termo se refere a “estruturas de pensamento aceitas por uma cultura específica de forma inquestionável” (CARSON, 2013, p. 11), mas essa tolerância inquestionável pode ser intolerante. Segundo o dicionário Michaelis (2021, on-line), a palavra tolerância pode significar “atitude liberal de quem reconhece aos outros o direito de manifestar opiniões ou revelar condutas diferentes das suas ou até diametralmente opostas a elas”.

O direito de manifestar uma “opinião diferente” é garantido por lei através do artigo 5º da Constituição Federal Brasileira de 1988, no inciso IV, sobre a liberdade de manifestação de pensamento, vedando o anonimato —, e no IX, em relação à liberdade de expressão intelectual,

artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. Contudo, em alguns casos, a opinião pode servir como justificativa para legitimar discursos violentos. Certos conteúdos podem ser apontados como opinião privada, mas, quando postados nas redes virtuais, geram repercussão pública (HOEPFNER, 2014 apud MARQUES; NOBRE, 2021).

A possibilidade de compartilhamento em larga escala nas redes digitais impacta o discurso violento, haja vista que a mensagem de raiva pode ser divulgada de maneira abrangente, incentivando a intolerância (MARQUES; NOBRE 2021). Outra questão diz respeito ao “paradigma informacional” promovido pelas redes, que tem como um dos seus efeitos a ruptura entre as fronteiras do público e do privado (PIMENTEL, 2019). Portanto, o proprietário de uma conta pessoal em uma rede ocupa um espaço simultaneamente público e privado, de modo que uma mensagem de raiva assume proporções que podem ultrapassar territorialidades e se tornar crime de intolerância religiosa, ferindo “a liberdade e dignidade humana” (INTOLERÂNCIA..., 2013, on-line).

Só no ano de 2020, a Central de Denúncias de Crimes Cibernéticos da Safernet recebeu 1.321 denúncias anônimas de intolerância religiosa envolvendo 814 páginas (*URLs*) diferentes (das quais 378 foram removidas) hospedadas em 104 domínios, de 13 diferentes TLDs e conectados à internet através de 183 números IPs distintos, atribuídos a 12 países em dois continentes. As denúncias foram registradas pela população através dos três *hotlines* brasileiros que integram a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos (SAFERNET, 2020).

O direito à liberdade de crença é garantido pela Constituição Federal de 1988. O inciso VI prevê o direito de realização de cultos religiosos. A ideia de tolerância amplamente difundida no Ocidente como estrutura de plausibilidade (CARSON, 2013) combinada à construção histórico-social de que nós, brasileiros, somos pacíficos e calorosos, além do mito da pluralidade de crenças, pode promover uma negação do discurso inflamado no país (HOEPFNER, 2014 apud MARQUES; NOBRE, 2021). O ser humano tem o hábito de excluir os que não se encaixam no seu padrão cultural. Sendo assim, o tão propagado mito da aceitação de povos ocorre apenas se o outro renunciar à sua identidade e se integrar à massa, aceitando “adquirir um credo e cultura sincréticos, ao estilo da formação do País” (CARVALHO, 2017, p. 93).

A intolerância propagada pelas redes virtuais, com base em estereótipos e discursos ofensivos, pode se manifestar no mundo real também. Carvalho (2017) apresenta relatos e dados sobre a islamofobia no Brasil, por meio de entrevistas com muçulmanas de 25 a 63 anos. Entre os resultados obtidos, 84,60% das mulheres relataram discriminação pela religião e



72,72% afirmaram terem sofrido agressão. Tais dados e discussões teóricas servem de referência para a análise de conteúdo que levamos a efeito.

## 5 Metodologia: Análise de Conteúdo

A metodologia escolhida para abordar as produções selecionadas é a análise de conteúdo. Este método classifica e categoriza conteúdos, transformando-os em elementos-chave (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016), pois se ocupa da mensagem — oral, escrita, documental, silenciosa, figurativa ou gestual (FRANCO, 2008 apud MENDES; MISKULIN, 2017) emitida por qualquer meio, considerando os marcos de referência, como o contexto dos dados, que pode influenciar o discurso (FONSECA JUNIOR, 2006).

O contexto em questão impacta o intercâmbio das mensagens, aspecto analisado por meio dos personagens de três produções da Rede Globo que compõem nosso *corpus*: *Carcereiros – o filme* (2019), *O Clone* (2001-2002) e *Salve Jorge* (2012-2013). A unidade de registro é representada nos personagens Abdel, Livia, Mohamed e Carlão, enquanto a unidade de contexto é o islamismo e os estereótipos veiculados nos/pelos conteúdos midiáticos sobre seus seguidores. Enumeramos quais são os estereótipos e a frequência com a qual aparecem nas tramas. Os dados das análises iniciais foram agrupados em tabelas criadas por regras de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade.

Por se tratar de análise quantitativa, optamos por contar a frequência da ocorrência de algumas palavras de cada personagem para compará-las com base na história de ambos, posto que “a descrição minudente, cuidadosa e atilada é muito importante, uma vez que deve captar o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos informantes em seu contexto” (CHIZZOTTI, 1991 apud MENDES; MISKULIN, 2017, p. 1047).

## 6 Resultados e análise de dados

Os pensamentos que compõem o imaginário popular a respeito da crença islâmica se materializam em diferentes formas de discurso e podem ser oriundos, em parte, das produções televisivas, haja vista os estereótipos surgirem de um “processo de facilitação” em que a interpretação dos indivíduos acontece por meio de dados e realidades recortados, aceitos pela cultura do local para simplificar fatos sociais (BACCEGA, 1998). Os memes portam trocadilhos jocosos que se relacionam a produções televisivas, e há estereótipos que ligam o islamismo, o terrorismo e os árabes.

As telenovelas brasileiras são instrumento para propagação de estereótipos, por pautarem suas narrativas em realidades produzidas pelos meios de informação (MOTTER apud BACCEGA, 1998). A novela *Salve Jorge* (2012 e 2013), exibida pela Rede Globo, exemplifica como produtos de entretenimento contribuem para difusão de mensagens estereotipadas. Na trama, ambientada na Turquia e no Brasil, o país islâmico serve como pano de fundo para o tráfico internacional de pessoas e exploração sexual de mulheres; segundo o Instituto Igarapé (2021), os principais países de destino para o tráfico de pessoas, especialmente para exploração sexual, são os Estados Unidos e o México.

Figuras 1 e 2: memes nas redes digitais.



Nos memes que fazem referência à novela, a Turquia se tornou sinônimo de tráfico de pessoas e exploração sexual. Não é difícil encontrar, nas redes virtuais, memes que sugerem viagens à Turquia usando a foto da vilã do folhetim, Livia Marini, ou páginas no *Facebook* que levam o nome da antagonista. Tais publicações geralmente trazem piadas convidando pessoas a viajarem para a Turquia, oferecendo benefícios como emprego, do mesmo modo que os traficantes fazem na trama para atrair vítimas.



Figuras 3, 4 e 5: Memes ligados à Turquia.



As produções da televisão podem circular nos meios digitais através de memes, corroborando o estereótipo do muçulmano terrorista árabe, como observamos no filme *Carcereiros* (2019). Não é difícil encontrar imagens com estereótipos pela internet. Quando da morte do general iraniano Quassem Soleimani durante uma ação norte-americana, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil se posicionou a favor dos EUA, mesmo com a promessa de vingança do Irã, o que suscitou a *hashtag* #TerceiraGuerraMundial, que chegou aos *trending topics* nacionais do *Twitter*. Atrelado a isto, memes que relacionavam muçulmanos ao terrorismo mostravam a concepção do terrorista, isto é, árabe e muçulmano. Esta ideia reducionista pode ter sido formada com base em produções consumidas no dia a dia.

**Figuras 6 e 7:** Memes que relacionam árabes e terrorismo.



Nos memes, o árabe, representado por um terrorista, é jocosamente ligado a explosivos. Na Figura 7, duas práticas muçulmanas são relatadas como próprias de um “árabe raiz”: deixar a barba por fazer e ter mais de uma esposa. Na novela *O Clone* (2001-2002), exibida pela Rede Globo, o islamismo é apresentado com base na história da protagonista, a muçulmana Jade e seus familiares. Ao longo da trama, o dogma da poligamia islâmica, mencionado no meme, aparece por meio do personagem Mohamed, que era casado com Latiffa, mas cogitava ter uma segunda esposa. Ademais, a questão da barba longa pode ser vista na caracterização do personagem do Tio Abdul.

Segundo o Sheikh Adil Ali Pechliye, que entrevistamos em maio de 2021, o último mensageiro, o profeta Mohamed, dissera: “larguem as barbas e aparem os bigodes, façam diferente dos idólatras”<sup>3</sup>. Logo, a barba por fazer é uma ordem divina a ser seguida, pois representa um diferencial. Quanto ao que se refere à poligamia no islã, é permitido ao homem ter mais de uma esposa desde que seja capaz de ser igualitário com as companheiras, a saber: “[...] podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser equitativos para com elas, casai, então, com uma só” (ALCORÃO 4:3).

**Tabela 1:** dogmas islâmicos e estereótipos

Produção de entretenimento	Dogma	Estereótipo

<sup>3</sup> *Largar* equivale a *deixar crescerem* a barba e o bigode. Contudo, o crescimento do bigode não deve cobrir a boca, por isto se deve apará-lo, segundo os preceitos do islã.

<b>O Clone</b>	Uso do véu, poligamia, casamento, virgindade antes do casamento.	Uso do véu como instrumento de opressão (trabalhado na personagem Samira) e ideia de muçulmanos como estrangeiros.
<b>Carcereiros – O filme</b>	Oração, uso da barba com o bigode aparado e a ideia base de submissão à vontade de Deus.	Do muçulmano como terrorista por causa de um chamado religioso e uma pessoa de origem árabe.
<b>Salve Jorge</b>	Nenhum	A imagem da Turquia como o principal destino da exploração sexual de mulheres.

Fonte: os autores, 2021.

O filme *Carcereiros* (2019), da Rede Globo, transmitido em formato de minissérie, aborda o terrorismo com roupagem religiosa ao contar a história do personagem Adriano, um agente penitenciário que precisa abrigar na cadeia, por uma noite, um terrorista internacional. Por meio da trama, vemos o perfil estereotipado de terrorista semelhante aos memes. O personagem Abdel Mussa — nota-se o estereótipo do terrorista de origem árabe — é acusado de explodir uma escola na Europa. O personagem tem barba comprida com bigode aparado, um dos dogmas islâmicos.

A caminhada de Abdel na narrativa nos indica implicitamente que se trata de um muçulmano, embora em nenhum momento sua fé seja mencionada expressamente. Ao longo de sua estadia no presídio, o personagem é visto orando e dizendo “Eu só sigo a Deus... é a minha vontade”. Segundo o Sheikh Adil Ali Pechliye (2021), a palavra *islã* significa submissão voluntária à vontade de Deus, ou seja, o muçulmano é submisso à vontade de Deus pelo próprio querer. A partir da origem da palavra *islã*, percebemos que o personagem de Kaysar Dadour é muçulmano por conta de seu discurso na minissérie.

A escolha do ator é outro detalhe: Kaysar Dadour, intérprete de Abdel, é um imigrante sírio, de outra cultura. No filme, ele não é chamado pelo nome, mas por palavras como “estrangeiro”, “gringo”, “terrorista”, “desgraça”, “monstro”, “verme” e “merda”. As falas do personagem são em inglês e outros personagens interagem com ele, o que demonstra seu

pertencimento a uma cultura distinta da nossa. Há 24<sup>4</sup> países cuja religião oficial é o islamismo, alguns deles falam inglês, como no caso de Brunei. No Paquistão e Sudão, o inglês é língua oficial; Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos não têm o inglês como língua oficial, mas, devido ao comércio, o idioma tornou-se presente.

Para além do recorte estereotipado do homem terrorista, o filme envolve a temática cristã. O detento Carlão, assim como o terrorista cruel, também mata por sua crença. Carlão justifica suas ações por uma ordem divina para acabar com a maldade, razão pela qual tenta assassinar um funcionário da cadeia, mas, durante a confusão, um dos agentes penitenciários alega que Deus — no contexto cristão, visto que Carlão faz parte da ala evangélica — não lhe mandaria matar ninguém. No fim da trama, Carlão é responsável por uma chacina. O filme apresenta como louco o cristão que mata pela religião e deixa claro que o assassinato de seus semelhantes não é postura cristã. Contudo, paradoxalmente, não se fala que Abdel é louco, embora também seja proibido matar, segundo o islamismo.

Ao contrário de Abdel, esse personagem não teve seu crime revelado; apesar do ato análogo ao do terrorista, não foi tratado como ser humano hediondo, como aconteceu a Abdel. A construção dos personagens cria uma visão empática em relação a Carlão, visto como doente, e demoniza Abdel, embora ambos tenham cometido crimes similares e por motivações parecidas.

**Tabela 2:** Carlão - maneiras como o Carlão é chamado/mencionado na trama

<b>Carlão</b>	<b>Outros adjetivos usados para se referir a Carlão</b>
6 vezes	“jão”, “maluco”, “doido”.

**Fonte:** os autores, 2021.

O perfil estereotipado construído sobre o personagem de Kaysar Dadour é o mesmo que circula em memes nas redes sociais virtuais.

**Figuras 7, 8 e 9:** memes relacionados a muçulmanos e terrorismo

<sup>4</sup> Afeganistão, Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Bangladesh, Brunei, Ilhas Comores, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã (teocracia), Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbia, Malásia, Maldivas, Marrocos, Mauritânia, Omã, Paquistão, Qatar, Sudão (a partir de 1996) e Tunísia.



A associação da figura muçulmana ao terrorismo representa a construção de um discurso reducionista, visto que a possibilidade de compartilhamento das redes on-line torna os conteúdos publicados mais abrangentes, ou seja, as mensagens de violência podem atingir dimensões de incentivo à intolerância e ao desrespeito (MARQUES; NOBRE, 2021).

Destarte, não podemos ignorar o fato de que a intolerância propagada nas redes sociais virtuais, com base em estereótipos fomentados pela cultura das mídias, pode gerar discursos de raiva que afetam pessoas no mundo virtual e real. E, por mais inofensivas que possam parecer, essas mensagens formatadas em memes com piadas constituem enunciações que devem ser problematizadas.

Dado o atual momento, no qual as forças do Taleban — organização terrorista que porta ideias falsas acerca do islã — assumiram o poder no Afeganistão e espalham horror pelo país, inclusive perseguindo missionários da religião cristã, é importantíssimo que discursos



intolerantes e estereotipados sejam revistos pelas mídias de massa e digitais, pois podem acarretar atos de violência e fomentar conflitos comunitários, sociais e religiosos em virtude de pontos de vista e cosmovisões divergentes que só conseguem conviver em países democráticos.

## **7 Considerações finais**

O imaginário popular é fomentado, em parte, pela mídia que consumimos desde crianças e pode impulsionar discursos de raiva e indiferença à figura islâmica, mas também a outras religiões, visões de mundo, valores, identidades e idiosincrasias. A mídia atua através de uma encenação localizada na transmissão do acontecimento, baseada em seu olhar e sua leitura, e na encenação do leitor-ouvinte-telespectador que recepciona e atribui sentidos aos conteúdos (CHARAUDEAU, 2019), pois não é passivo no processo de informação e comunicação, como apregoaram algumas teorias da comunicação.

O estereótipo, tão presente nos conteúdos analisados, articula-se pela cultura na qual estamos insertos, o que torna difícil fugir dele, pois a partir do momento que aprendemos a pensar, falar e expressar, começamos a nos relacionar com o mundo por meio de palavras que podem carregar conceitos simplistas e estereótipos, segundo Baccega (1998). No caso das produções de entretenimento, especialmente as exibidas pela televisão aberta — de mais fácil acesso, pois 96,3% dos domicílios brasileiros têm aparelhos de televisão (IBGE, 2019), podemos destacar as telenovelas como vitrine para estereótipos constituídos em crônicas e narrativas da perspectiva de seus produtores.

Os estereótipos podem servir como alicerce para a intolerância e para o discurso raivoso. O discurso de raiva é um mal crescente na geração que tem as redes sociais virtuais como protagonistas. A queda das fronteiras possibilitadas pelo mundo on-line acentuou as diferenças (BAUMAN, 2009) e deu espaço para conteúdos preconceituosos circularem com mais velocidade, embora sempre tenham existido e estejam entranhados no tecido social.

Ademais, a facilidade com a qual as mensagens replicam acende alerta relativo ao impacto de seus conteúdos sobre o mundo real. A função de compartilhamento pode tornar o conteúdo mais abrangente e fomentar a intolerância, apesar de ser impreciso medir a forma como isso pode ocorrer, considerando a complexidade dos sujeitos contemporâneos.

No tocante à figura dos muçulmanos, o discurso que circula pelas redes virtuais se cerca de estereótipos que relacionam a fé ao terrorismo e sua imagem a pessoas de origem árabe. Não é difícil encontrar memes (POPOLIN, 2018) que relacionem os muçulmanos aos árabes e aos



terroristas, como evidenciamos. Tal imagem estereotipada em memes pode ter sido construída com base em reificações geradas por produções televisivas que ocupam o imaginário social.

Os estereótipos que circulam sobre os muçulmanos podem contribuir para gerar intolerância religiosa, sobretudo atualmente, em que organizações terroristas carregam falsas concepções sobre o islã e promovem o medo em nações como o Afeganistão. Tais discursos se tornam força motriz para explosões de conflitos e indiferença contra a face muçulmana, tanto em contextos off-line quanto on-line, criando óbices para o respeito e a convivência (WOLTON, 2010; CARSON, 2013).

## Referências

ALBUQUERQUE, Karina Costa. Saiba por que 3º Guerra Mundial e Bolsonaro estão nos trending topics. **TV Jornal**, 3 jan. 2020. *Twitter*. Disponível em: <https://tvjornal.ne10.uol.com.br/noticias/2020/01/03/saiba-por-que-3-guerra-mundial-e-bolsonaro-estao-nos-trending-topics-181901>. Acesso em: 1º set. 2022.

ALCORÃO. **Livro sagrado do Islã**. São Paulo: Best Seller, 2010.

ARNT, Ricardo. Explosão islâmica. **Super Interessante**, atualizado em 31 out. 2016. História. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/explosao-islamica/>. Acesso em: 1º set. 2022.

BACCEGA, M. A. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 13, p. 7-14, 1998. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i13p7-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36820>. Acesso em: 4 set. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERNAL, Ignacio Morgado. O que é o ódio? Por acaso tem cura? **El país**, 16 dez. 2017. Tribuna. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/ciencia/1513073061\\_342064.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/12/ciencia/1513073061_342064.html). Acesso em: 1º set. 2022.

BRASIL. [**Constituição (1988)**]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 1º set. 2022.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 173-188, 2016.

CARSON, D. A. **A intolerância da Tolerância**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

CARVALHO, Luciana Soares Neres Rosa. **Discurso do ódio e islamofobia**: quando a liberdade de expressão gera opressão. 2017. 163 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2019.

COMUNICAÇÃO. *In*: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa [on-line]. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunica%C3%A7%C3%A3o/> . Acesso em: 1º set. 2022.

EMIRADO Árabes Unidos. **Belta**. 2022. Disponível em: <https://www.belta.org.br/pais/emirados-arabes-unidos/>. Acesso em: 1º set. 2022.

ESTADO Confessional. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado\\_confessional](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_confessional). Acesso em: 1º set. 2022.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Telenovela e islã: dos estereótipos à visibilidade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 771-802, abr./jun. 2015.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-303.

FORTUNA, Deborah. EUA X Irã: quais as chances de uma 3ª Guerra e de o Brasil ser envolvido? **Correio Braziliense**, 8 jan. 2020. Mundo. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/01/08/interna\\_mundo,818902/eua-x-ira-quais-as-chances-de-uma-3-guerra-e-de-o-brasil-ser-envolvi.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/01/08/interna_mundo,818902/eua-x-ira-quais-as-chances-de-uma-3-guerra-e-de-o-brasil-ser-envolvi.shtml). Acesso em: 1º set. 2022.

IBGE Educa. Uso de internet, televisão e celular no brasil. 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 1º set. 2022.

INFORMAÇÃO. *In*: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa [on-line]. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/informa%C3%A7%C3%A3o/> . Acesso em: 1º set. 2022.

INSTITUTO IGARAPÉ (EVA). Tráfico de Mulheres e Meninas. [2022]. Disponível em: <https://eva.igarape.org.br/womenTraffic>. Acesso em: 1º set. 2022.

INTOLERÂNCIA religiosa é crime de ódio e fere a dignidade. **Senado notícias**. 2013. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade> . Acesso em: 1º set. 2022.

INTRODUÇÃO à poligamia no islã. **The religion of islam**. 2010. Disponível em: <https://www.islamreligion.com/pt/articles/325/introducao-a-poligamia-no-islã/>. Acesso em: 1º set. 2022.

LADEIRA, Francisco Fernandes; LEÃO, Vicente de Paula. Geopolítica e meios de comunicação: a influência dos estereótipos difundidos pela mídia sobre a civilização muçulmana no processo de ensino: aprendizagem em geografia no ensino básico. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS (SEPECH) — Humanidades, Estado e desafios didático-científicos, 11., 2016, Londrina. **Anais [...]** Londrina: SEPECH, 27-29 jul. 2016. Disponível em: [http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt2\\_131.pdf](http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt2_131.pdf). Acesso em: 28 fev. de 2021. Acesso em: 1º set. 2022.

LADEIRA, Francisco Fernandes. O olhar da Rede Globo sobre o mundo muçulmano no contexto geopolítico pós-11 de setembro. **Revista Uninter de comunicação**, Curitiba, v. 7, n. 13, p. 25-37, dez. 2019.

LÍNGUAS oficiais em diferentes países. **Edestinos**, 2021. Disponível em: <https://www.edestinos.com.br/dicas-de-viagem/passagens-aereas/documentacao-e-visto/linguas-oficiais-em-diferentes-paises>. Acesso em: 1º set. 2022.

MASON, Bob. Quais Idiomas São Falados Em Brunei? **Ripley believes**, jan. 2021. Sociedade. Disponível em: <https://pt.ripleybelieves.com/what-languages-are-spoken-in-brunei-3386>. Acesso em: 1º set. 2022.

MARQUES, Naomy Ester de Melo e; NOBRE; Thalita Lacerda. Uma reflexão sobre o discurso de ódio nas redes sociais brasileiras. **Irocamm**, Seville, v. 1, n. 4, p. 68-88, jan.- jun. 2021.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n.165, p.1044-1066, jul./set. 2017.

NEGO di nega que Gilberto seja negro: “sujinho, neandertal”. **Catraca Livre**. 2021. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/nego-di-nega-que-gilberto-seja-negro-sujinho-neandertal/>. Acesso em: 1º set. 2022.

PECHLIYE, Adil Ali. **Desmistificando o islã**. Entrevista concedida à Paloma Pereira Ruiz em maio de 2021.

PIMENTEL, Adelma. O uso cuidadoso das redes sociais virtuais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 978-996, dez. 2019.

POPOLIN, Guilherme. Meme como linguagem: o reforço de estereótipos e o discurso de ódio na internet. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MÍDIA E COTIDIANO, 7., 2018. **Anais [...]**. 2018.

RIBEIRO, Diogo. Mulheres são vítimas de agressão por serem muçulmanas em Curitiba. **Gazeta do Povo**, 23 de nov. 2015. Vida e Cidadania. Islamofobia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mulheres-sao-vitimas-de-agressoes-por-serem-muculmanas-em-curitiba-2q6boovjzp27i6jnv3w4j9mpz/>. Acesso em: 1º set. 2022.

SAFERNET. Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos. 2020. Disponível em: <https://indicadores.safernet.org.br/> . Acesso em: 20 ago. de 2021.

SALVE JORGE. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Salve\\_Jorge#Audi%C3%Aancia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Salve_Jorge#Audi%C3%Aancia) . Acesso em: 1º set. 2022.

TOLERÂNCIA. *In*: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa [on-line]. 2021. Disponível em: [https://michaelis.uol.com.br/busca?id=0L5Xn#:~:text=1%20Qualidade%20ou%20condi%C3%A7%C3%A3o%20de,%C3%A0%20simpatia%E2%80%9D%20\(%20MS%20\)%20](https://michaelis.uol.com.br/busca?id=0L5Xn#:~:text=1%20Qualidade%20ou%20condi%C3%A7%C3%A3o%20de,%C3%A0%20simpatia%E2%80%9D%20(%20MS%20)%20). Acesso em: 1º set. 2022.

VIEIRA, Leonardo. Brasileira muçulmana é atacada com pedrada em São Paulo. **O Globo**, 16 jan. 2015. Mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/brasileira-muculmana-atacada-com-pedrada-em-sao-paulo-15071301>. Acesso em: 1º set. 2022.

VILLELA, Flávia. Muçulmanos estão entre as principais vítimas de intolerância religiosa no Brasil. **Agência Brasil**. Rio Janeiro, 22 ago. 2015. Direitos Humanos. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/mulcumanos-estao-entre-principais-vitimas-de-intolerancia-religiosa>. Acesso em: 1º set. 2022.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.